

O COMPUTADOR/INTERNET NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS: UM DIÁLOGO POSSÍVEL?

FERNANDES, Olívia Paiva – UFJF

GT: Educação e Comunicação / n. 16

Agência Financiadora: CAPES

Introdução

A preocupação em torno das transformações sociais ocasionadas pelo desenvolvimento tecnológico, tem se tornado cada vez maior, principalmente, por parte de educadores, que presenciam a entrada de computadores conectados à Internet nas instituições escolares e no cotidiano de seu alunado. Diversos pesquisadores da área educacional (ARRUDA, 2004, BARRETO, 2002, 2004, SILVA, 2002, 2003, entre outros) ressaltam que este instrumento tecnológico – computador/Internet – proporciona amplas e novas dimensões no que diz respeito à interação social e à construção do conhecimento.

Pretto (2002) aponta para o crescente uso da internet no Brasil, utilizando-se de uma pesquisa realizada pelo Datafolha em parceria com o IBest e a Folha Online¹. Os dados mostram que 23 dos 168 milhões de brasileiros acessam a internet e, embora este seja um número ainda pequeno, percebe-se já um aumento das conexões realizadas pelas classes C, D e E.

Frente a esse crescimento que se torna cada vez maior, é preciso entender as mudanças decorrentes na sociedade a partir do uso do computador nas situações diárias mais comuns, como apertar o botão de um elevador, às mais complexas, como construir *sites*, não excluindo crianças e jovens dessas transformações. Faz-se mister instaurar o debate acerca da real necessidade de preparar os alunos para esse ciber mundo. O público infante-juvenil passa grande parte de seu tempo na instituição escolar, que constitui o *locus* formador e, portanto, acaba por ter a função de mediar a relação do jovem e da criança com o computador. Mas como o professor, ainda em formação, pensa o uso do computador/Internet na instituição escolar? Que usos ele próprio faz do instrumento durante os anos de formação inicial?

Assim, neste artigo, instaurarei discussões resultantes de uma dissertação de mestrado, cujo principal objetivo foi **compreender, através das vozes de alunos do Curso de Pedagogia de uma Instituição Federal de Ensino Superior, qual o uso que**

¹ Segundo PRETTO (2002, p. 122) “[...] a pesquisa foi realizada entre os dias 23, 24 e 27 de agosto de 2001. Foram ouvidas 11.201 pessoas, com mais de 14 anos, de 137 municípios do país. A margem de erro do levantamento é de dois pontos percentuais para mais ou para menos, em um intervalo de confiança de 95%.”

estes fazem do computador/Internet no seu próprio processo de formação inicial, bem como o que pensam a respeito da presença dessa tecnologia em ambiente escolar. Algumas questões se fizeram presentes no decorrer do trabalho de pesquisa: Os alunos do curso de Pedagogia estabelecem contato com o computador/Internet? Com que finalidade eles utilizam tal instrumento? De que forma esse instrumento intervém no processo de sua formação inicial? Que sentidos constroem a respeito da inserção do computador/Internet no ambiente escolar para a sua utilização pelos alunos e professores?

1- Abordagem teórico-metodológica

Para encontrar possíveis respostas, escolhi trabalhar com a investigação qualitativa de cunho sócio-histórico, por julgar ser a forma mais pertinente para focalizar o meu objeto de estudo. Além disso, esta perspectiva de investigação responde à minha visão de ser humano em constante transformação e complementa-a, re-significando a minha própria formação enquanto pesquisadora, conferindo um outro sentido para a relação investigador/investigado.

Ressalto a importância das contribuições de Bakhtin e Vygotsky para esta perspectiva metodológica. Estes autores, tendo como fundamentação a perspectiva materialista-histórica e dialética, construíram caminhos interessantes para a metodologia de pesquisa. Não produziram métodos fechados em si mesmos, mas ao contrário, empenharam-se na desconstrução dos métodos científicos utilizados nas abordagens lingüísticas e psicológicas de sua época, criando uma outra forma de entender a pesquisa nas Ciências Humanas. (FREITAS, 2003).

Para compreender o uso feito pelos estudantes de Pedagogia do computador/Internet, percebi a necessidade de visualizar alguns dados concretos sobre a situação atual. Para tal, elaborei um **questionário** que se tornou um importante recurso – embora complementar - para viabilizar o levantamento destes dados de uma forma mais rápida e facilitar também minha aproximação com os alunos do curso. Este instrumento trazia algumas questões acerca da frequência de utilização do computador/Internet, local, finalidade, entre outros pontos. Entretanto, embasada por uma perspectiva sócio-histórica, não poderia privilegiar este instrumento na pesquisa, uma vez que o pesquisador não pode olhar o sujeito da pesquisa como alguém de fora, nem pode apenas se deter na contemplação das suas atitudes.

Assim, lancei mão de um outro instrumento metodológico: a **entrevista**

coletiva. Foram realizadas 13 entrevistas coletivas com alguns alunos do curso de Pedagogia da instituição, uma entrevista coletiva com alguns professores do curso e uma entrevista individual com o coordenador do curso de Pedagogia.

2- E a pergunta continua... “O que o Pedagogo faz?”²

Durante o trabalho de campo, percebi que, antes mesmo de refletir em torno das possíveis utilizações do computador/Internet no curso de Pedagogia, fez-se mister discutir a identidade do profissional pedagogo. Em muitos momentos as alunas questionavam a finalidade da existência deste profissional.

Assim, reconstituímos, através de narrativas orais, o motivo pelo qual cada uma das alunas decidiu cursar Pedagogia. Surpreendi-me com o fato de que nove das 13 alunas entrevistadas não se decidiram inicialmente por este curso. Pensaram em Comunicação Social, Direito, Serviço Social e, após uma reprovação, optaram pelo curso de Pedagogia. Entretanto, esta opção ainda se fez porque as alunas descobriram que o curso de Pedagogia habilita trabalhar com outras funções que não a docência.

A desvalorização do ser professor na sociedade atual se reflete no desejo de não atuarem em sala de aula e justificarem a escolha pelo curso ressaltando que a docência é apenas uma de muitas funções do pedagogo. Falar de valorização do professor significa pensar numa política de formação docente que contemple formação inicial, carreira, salário e formação continuada. (SCHEIBE & AGUIAR, 1999). A degradação pela qual a formação docente vem passando nas últimas décadas atingiu o ideário social, que transformou a figura do mestre-professor, detentor do conhecimento, em sujeito passivo do processo do pensar educacional, mero receptor das políticas educativas, cabendo unicamente sua execução.

Bakhtin ajuda a compreender a importância do outro na constituição de minha existência. A visão do outro sobre a formação da profissionalidade do aluno do curso de Pedagogia influi na construção de uma idéia sobre o eu-profissional. Para este autor,

[...] a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de assimilação – mais ou menos criador – das palavras do outro [...]. Nosso discurso, isto é, os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, ou

² Pergunta lançada por uma das alunas do curso de Pedagogia do grupo noturno em situação de entrevista coletiva.

de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (BAKHTIN, 2003, p. 294-295).

A rejeição da docência como profissão está no olhar que os outros produziram sobre ela e que eu também construo, já que este saber é socialmente compartilhado. O outro-para-mim é demasiado importante para a criação do eu-para-mim. Assim, para estar no mundo dos outros, é preciso negar a docência como minha profissão – já que é desvalorizada - e assumir algo que represente mais do que isso. É compartilhar de um mundo de todos e por todos, internalizá-lo e torná-lo mundo meu e, portanto, enunciado meu.

É necessário compreender o motivo pelo qual se busca construir uma identidade para o trabalho do profissional docente. Marx (1978, 1987) destacou a categoria trabalho como sendo o motor principal de humanização do indivíduo, considerando que qualquer atividade humana é trabalho e, como tal, constituem-se alguns elementos básicos como: a própria atividade do homem, o objeto causador do dispêndio da força e os instrumentos necessários para esta ação. O produto do trabalho contém o processo que o gerou, logo, construir uma identidade é ter uma idéia do seu próprio processo de trabalho e do produto que ele cria. Marx (1978, p.22) nos diz que “A alienação aparece tanto no fato de que *meu* meio de vida é de *outro*, que *meu* desejo é a posse inacessível de *outro*, como no fato de que cada coisa é *outra* que ela mesma, que minha atividade é *outra* coisa, e que, finalmente [...] domina em geral o poder desumano”.

Assim, compreender o que é o pedagogo, com suas funções e atribuições, é evitar a alienação do processo de trabalho, deixando de ser o que não é para tornar-se ela mesma. Com esta clareza, é possível lutar por uma valorização do professor, já que se passa a conhecer o próprio trabalho. Como lutar em prol de algo que desconheço e, muitas vezes, menosprezo?

Relembrando a categoria trabalho anteriormente citada, entendo que, quando o indivíduo não tem clareza sobre o que faz, em quem/onde faz, como faz e o resultado que gera este movimento, ele deixa de construir a si mesmo, aliena-se. Ter uma identidade é ter ciência deste processo e comprometer-se com ele, responsabilizar-se por ele. No entanto, é imprescindível lembrar que existe uma mutabilidade no processo de trabalho, pois este depende das relações sociais estabelecidas e do contexto sócio-histórico. Estas modificações ocasionam transformações no conceito de identidade e,

portanto, este também não é imutável, mas está submetido às novas necessidades de uma dada sociedade.

A identidade do pedagogo vem se transformando ao longo das décadas, por mudanças da própria sociedade, sendo possível perceber como os atores educacionais se sentem “perdidos” em meio ao seu processo de trabalho. Pensar no que significa identidade para o pedagogo é encontrar uma síntese da unidade de pensamento e unidade da linguagem. (VYGOTSKY, 2001). Portanto, enquanto esta síntese está em gestação para o profissional, torna-se árido definir a própria profissão. O debate fica em aberto, aceitando enunciados diversos que contribuam para a unidade do pensamento e da linguagem, na construção de uma identidade do pedagogo.

As modificações na profissão pedagogo e sua necessária formação como professor, nos levam a instigar ainda mais este processo de formação com questões que emergem do contexto social atual. A discussão sobre a identidade do pedagogo, instaurada desde a criação do curso de Pedagogia, tem sido profundamente considerada na contemporaneidade, trazendo a complexidade de ser re-pensada num momento que outras problemáticas são levantadas. Dentre elas, perguntamo-nos como o futuro pedagogo, com tantas novas funções que lhe estão sendo atribuídas – escolares e extra-escolares – se posiciona perante um instrumento que transforma o comportamento de toda a sociedade, como está acontecendo com o advento do computador? Quais sentidos os alunos do curso de Pedagogia constroem sobre a utilização deste aparato? Como o utilizam durante o período de formação inicial?

3- O computador/Internet e o curso de Pedagogia em questão: o que dizem seus atores?

Impossível deixar de tratar de algo tão evidente na fala das alunas do curso: a relação estabelecida por elas com o computador. Mas qual a importância deste vínculo de um humano com uma máquina? Durante as entrevistas, entendi que esta relação é fundamental para compreender os significados que as estudantes trazem sobre os usos deste instrumento em ambiente escolar. Segundo Salvat (2000),

Cuando hablamos sobre el uso de los ordenadores en la educación argumentamos, discutimos sus ventajas, inconvenientes, usos apropiados, metodologías, etc. En su apariencia son discusiones técnicas y/o pedagógicas, pero hay algo más que argumentaciones racionales, existen también emociones. Los ordenadores son objetos que provocan emociones y estas nos ayudan a consolidar teorías y

argumentos que justifican nuestra relación con estas máquinas. (SALVAT, 2000, p. 81).

Ao refletir em torno das dificuldades de relacionamento entre homem-máquina, entendo que este estranhamento ocorre porque o novo cria a necessidade de modificar os sentidos já estáveis na minha própria consciência. O computador vem desestabilizar a compreensão que o indivíduo tem do mundo, instaurando novos modos de pensar e de desenvolver conhecimentos, solicitando formas outras de perceber nosso contexto e de agir sobre ele. Assim, o computador torna-se temeroso para quem não possui familiaridade com ele, mas é indispensável para aquelas alunas que já o utilizam a algum tempo.

Com o advento do computador, as relações sociais se modificaram, levando a uma profunda re-significação da cultura. Desde a última década do século XX, as crianças nascem num mundo virtualizado, no qual é possível atravessar a tela. Os futuros professores destas crianças atravessam a tela ou preferem se manter contemplativos da imagem que ele oferece?

A linguagem simbólica que o computador comporta é o elemento mediador da relação entre o ser cultural (homem) e o instrumento cultural (computador). Vygotsky (1991, p. 26-7) salienta que “Nossa análise atribui à atividade simbólica uma função organizadora específica que invade o processo do uso de instrumento e produz formas fundamentalmente novas de comportamento.”

Assim, as alunas do curso de Pedagogia, ao falarem sobre suas relações com o computador, construíram sentidos para o uso (ou não-uso) desta ferramenta. Do “bicho de sete cabeças” ao “tudo de bom!”, elas percebem a influência que o instrumento exerce sobre suas vidas e sua formação inicial. Pergunto-me, então, como as alunas do curso utilizam este instrumento nos anos de sua formação? Que lugar o computador ocupa dentro do curso de Pedagogia?

3.1- Entrecruzando discursos: por uma formação reflexiva com os meios

Primeiramente, é necessário compreender que a formação inicial deve ser pensada como um *continuum*, numa re-significação constante dos saberes apropriados. Dessa maneira, quando o aluno se forma num curso inicial, sabe que não está definitivamente pronto, que não atingiu o ponto máximo da formação, mas que aqueles conhecimentos ali desenvolvidos devem lhe proporcionar a capacidade de

transformação num futuro não muito distante. Os alunos, enquanto estão no processo de formação inicial de um curso de formação de professores, trazem consigo um horizonte de possibilidades futuras que, naquele momento, encontram-se virtualizadas numa realidade possível (atual)³. Quando essas possibilidades se atualizam, deixam de ser virtuais, mas geram outras virtualidades características do ser. São pertinentes as palavras de Geraldi (2000) sobre essa realidade presente. Ao se apropriar das idéias de Bakhtin, o autor salienta que

Do ponto de vista bakhtiniano, no mundo da vida “calculamos”, a todo instante, com base na memória do futuro desejado, as possibilidades de ação no presente. [...] Trata-se de pensar que a todo momento, a todo acontecimento, o futuro é repensado, refeito e neste lugar desterritorializado, sempre mutável, o sujeito se situa para analisar o presente vivido e, nos limites de suas condições e dos instrumentos disponíveis, construídos pela herança cultural e reconstruídos, modificados, abandonados, ou recriados pelo presente, selecionar uma das possibilidades de ação. (GERALDI, 2000, p. 7).

Volto meu olhar para o curso de Pedagogia e percebo sua importância. Os alunos que ali se encontram vivem uma realidade presente e possível, um momento da vida no qual estão definindo a profissão que almejam exercer ao longo de suas trajetórias profissionais. Nos anos do curso, o futuro é constantemente repensado, embora não o estejam vivendo. Ele se encontra virtualizado em cada um. A instituição formadora, bem como seus professores, é a principal responsável por essas virtualizações, que se desenvolvem durante o processo ensino-aprendizagem, mas cabe a cada estudante a seleção de uma das possibilidades de ação quando se formar. A escolha profissional do aluno no momento da formatura é a atualização de uma das possibilidades de ação, deixando o plano do virtual, do devir, e concretizando-se no atual. Mas, a partir do momento que essa atualidade responde às virtualizações que a precederam, novamente o sujeito analisa o presente vivido, gerando várias outras virtualizações, num movimento ininterrupto, uma vez que transformar-se, recriar-se, é característica própria do humano.

Esta re-significação não ocorre somente com os alunos do curso de Pedagogia, mas também com o próprio curso, uma vez que ele está imerso numa sociedade que tem suas práticas sociais transformadas no decorrer de um período de tempo e onde já

3 Para o filósofo Pierre Lévy (1996), o virtual se opõe ao atual, não ao real. O atual é a realidade imediata, aquilo que se está vivenciando. O virtual é algo real que não se encontra atualizado. É um devir, uma capacidade de ser.

existem as práticas escolares. Portanto, o curso formador de docentes é um suposto início de preparação para o mercado de trabalho, pois este acontece paralelamente à formação, ou melhor, preexiste a ela.

A formação do futuro professor no curso de Pedagogia, deve considerar a necessidade de preparar o aluno para a nova realidade tecnológica que vivenciamos. No entanto, percebo que há poucos investimentos nas Faculdades de Educação do país para montagem de laboratórios de informática, aos quais todos os alunos poderiam ter acesso e os próprios professores poderiam utilizá-los para os mais variados fins.

Interessante ressaltar que, na compreensão dos dados do questionário, percebi que 94% dos alunos do curso de Pedagogia da UFJF fazem uso do computador, seja na própria residência (73,4%), no trabalho (44,6%), na UFJF (35,6%), em casa de amigos e/ou parentes (25,7%) ou em outros locais (5,3%). A maior parte dos alunos diz que usa o computador diariamente (46,9%). A finalidade do uso fica concentrada em dois pontos: digitação de trabalhos para faculdade (95,4%) e acesso a Internet (83,3%). Outras finalidades ocupam um espaço de 28%.

Para aqueles que responderam que acessam a Internet, questionei-os em torno do local de acesso. Os resultados foram: Em casa (73,6%), no trabalho (36,3%), na UFJF (35,4%), em casa de amigos e/ou parentes (31,8%) e outros locais (5,4%). Os questionários apontaram para um acesso grande nos finais de semana (40%), para a realização de pesquisas para trabalhos de faculdade (98,1%), leitura e envio de e-mails (73,6%) e entretenimento (51,8%).

O processo de formação dos alunos do curso de Pedagogia, pela indicação dos questionários, está sendo marcado pelo uso da tecnologia, pois quase a totalidade, ao utilizar o computador/Internet, o faz com o objetivo de produzir os trabalhos exigidos pelo curso.

O computador/Internet começa a fazer parte da realidade do curso de Pedagogia e da Faculdade de Educação pelas mãos dos alunos, já que, como salientou uma das entrevistadas, a idéia de buscar informações no meio virtual [...] *a maioria das vezes parte do aluno*. Quando não vem do aluno, a necessidade do uso se faz por uma obrigação, uma exigência do professor, que se refere apenas ao aspecto material do trabalho a ser entregue. Utilizar o computador por uma questão estética do trabalho, é compará-lo a uma simples máquina de escrever, substituindo a datilografia pela digitação. Onde está o avanço?

Por diversas vezes nas entrevistas, as alunas salientam a obrigatoriedade da

digitação dos trabalhos do curso, e quem tem dificuldade de utilizar o instrumento precisa terceirizar o serviço ou fazer como disse uma das alunas: [...] *eu fico lá, catando milho um tempão*. A obrigatoriedade de entregar trabalhos digitados garante a inserção dos discentes na era tecnológica?

A Faculdade de Educação da instituição campo de estudo não conta com laboratório de informática para uso do corpo discente do curso, o que gera um transtorno para aqueles que não têm acesso ao instrumento em outras instâncias. De acordo com Barreto (2002, p.140) “No ensino presencial, as tecnologias estão ausentes ou distantes, na medida em que as instituições formadoras não têm sido contempladas com maciços aportes tecnológicos, embora seja esta a sua destinação mais declarada.” Mas, mesmo com todas as dificuldades, o computador está se aproximando do curso de Pedagogia através dos alunos. Eles são os maiores usuários desta ferramenta. O uso só não é maior porque não há meios para isso.

Por ser uma discussão nova no meio educacional como um todo, principalmente em cursos de formação inicial docente, compreendo o momento de amadurecimento e de transpor resistências pelas quais passa o curso de Pedagogia. Sem dúvida, o posicionamento de discentes, docentes e do coordenador revela uma preocupação com a questão, mas uma fragilidade de conceitos no trato com esta temática.

O computador/Internet é invisível na dinâmica deste *locus* de formação, já que ele realmente inexistente. Entretanto, há uma outra invisibilidade que me parece bastante interessante, aquela relacionada a total integração do computador nas atividades do curso, que ele simplesmente desaparece, não despertando a atenção para si.

Responsável por esta perspectiva, Salvat (2000, p. 121) salienta que o caminho para a “invisibilidade” do computador numa instituição de ensino passa por um primeiro momento, que é o da visibilidade desta ferramenta por parte dos atores educacionais: “La visibilidad del ordenador se produce cuando estamos preocupados por el dominio de la máquina, por los diferentes programas informáticos que podemos utilizar, cuando vamos revisamos los diferentes productos y nos planteamos su utilidad.”

Na fala de uma das professoras do curso entrevistadas, percebo que a importância despendida para o computador se volta exatamente para o uso dos programas e da facilidade que ele oferece, sendo, portanto, um instrumento que ganha destaque pelas suas capacidades técnicas de realização de atividades.

A necessidade de aproximação do computador/Internet ao curso de Pedagogia não se restringe ao aprendizado de seus *softwares*, mas sim na compreensão de que se

torna *um elemento mediador pra transformação da sociedade*, como disse uma professora. Esta mediação acontece porque o computador, além de ser instrumento, o é de forma *sígnica*. Vygotsky (1991) diz que

A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico [...] é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. (VYGOTSKY, 1991, p. 59-60).

A atuação do signo em nossa atividade mental é semelhante àquela desenvolvida por uma ferramenta material. Ao agir sobre o mundo, necessito de instrumentos capazes de modificar *externamente* a natureza, como o machado, a enxada, uma faca, entre outros. O signo, ao contrário, é um instrumento que vai agir *internamente*, modificando minha própria atividade mental, como é o caso da linguagem, da capacidade de calcular, etc. Tanto o instrumento de atuação externa quanto aquele orientado internamente são culturais, quer dizer, foram construídos pelo homem num determinado tempo histórico e estão constantemente sendo reconstruídos, modificados, revividos, transformados.

Toda esta nova realidade vivenciada a partir do advento do computador/Internet parece estar desvinculada da escola, por uma falta de preparação dos professores com o computador. Por outro lado, o aluno de Pedagogia não tem esta formação por uma não preparação de seus professores, já que estes viveram numa época em que computador ainda era um “sonho”. Torna-se um círculo vicioso. E, quando a discussão se instaura, não raro, recai no ponto de que os alunos não possuem condições financeiras para adquirir um computador, portanto, preocupar-se com novas tecnologias é voltar o olhar para a educação dos ricos, logo, deixa-se de lado, sob o preceito de que o compromisso da Universidade é com a escola pública. Por ser fruto de uma sociedade, a presença do computador perpassa todos os ambientes e chega à escola pública. Portanto, negar esta realidade é negar a própria cultura humana.

Discutir a apropriação que o curso de Pedagogia faz do computador/Internet no momento das entrevistas coletivas tornou-se algo complexo, exatamente porque estávamos refletindo acerca daquilo que não se tem na formação. Por isso, pensamos sobre como seria a formação, num devir, construindo um horizonte de futuras possibilidades.

Os apontamentos de uma das entrevistadas dizem respeito a uma formação voltada para a técnica. Em vários momentos da entrevista faz-se referência a uma

formação onde a ênfase é dada no aprender a “mexer” no computador: saber ligar, trabalhar com Word, Excel, e outros. Uma formação que também é promovida por cursos de informática. Até que ponto é necessário existir um laboratório para aulas de informática no curso de Pedagogia?

A idéia de uma formação técnica foi-se transformando e ganhando o *status* de reflexão. Entendo a importância de uma aprendizagem básica instrumental. Só é possível instaurar uma reflexão sobre algo se os envolvidos sabem do que vão falar, se já experienciaram. Indo além, o ideal não é que se discuta *sobre* o computador, mas *com* ele.

No contexto atual do curso de Pedagogia, questiono como essas alunas estão pensando o uso do computador/Internet em seu futuro ambiente escolar? Como constroem sentido para sua possível prática pedagógica com este instrumento?

4- A Escola pelas vozes de futuros pedagogos: o que fazer com o computador/Internet?

O desafio para/com o uso do computador/Internet na escola é grande para todo o sistema educativo. Para as alunas do curso de Pedagogia, como no seu processo de formação ainda não se tem trilhado caminhos para o trabalho com este instrumento, esta reflexão surgiu e se constituiu no momento mesmo das entrevistas coletivas.

Discutir e lançar mão do computador/Internet, ou reconhecer as transformações que ele traz, é uma realidade ainda distante do curso de Pedagogia. Refletir em torno das possibilidades de uso deste aparato em ambiente escolar se tornou uma novidade, como ressalta uma das alunas do curso: *“Eu nunca parei pra pensar que eu vou usar isso [computador/Internet] na escola.”*

Nas falas das entrevistadas, este instrumento surge como uma mera máquina muscular, dando continuidade a um trabalho físico dos membros superiores a resolver o problema de escrita de um texto, por exemplo. Interessante perceber a forte presença desta concepção técnica do computador para as alunas do curso, pois ele é entendido como instrumento que não trabalha a coordenação motora, bem como contribui para não desenvolver o raciocínio. Ou seja, é uma máquina neutra para ser usada pelo homem, correndo-se o risco de despi-lo de qualquer capacidade criadora.

Interessante que, quando refletimos sobre o uso do computador/Internet no curso de Pedagogia, as alunas denunciaram a ausência de preocupação do curso em relação ao trabalho com este instrumento e ressaltaram que é urgente que os docentes e a

coordenação se voltem para este fato. Entretanto, ao discutirmos acerca dos seus possíveis usos na Educação Básica, as alunas demonstram uma resistência no trabalho com o computador/Internet, salientando que ele pode inibir o raciocínio infantil. A necessidade do computador se faz urgente para elas, alunas de uma graduação, mas é “perigoso” para as crianças, indicando a necessidade de uma série de cuidados. Por quê? Será pelo fato de que as crianças estão em período de formação? Mas os adultos, embora já tenham atingido uma maturidade orgânica, não estão constantemente em desenvolvimento intelectual pela renovação cultural como nos diz Vygotsky?

Os jogos no computador possibilitam uma quase imersão dentro do acontecimento, pois a criança posiciona-se de forma a mostrar um total envolvimento na situação, exatamente por exigir uma agilidade no pensamento. A riqueza de informações e conhecimentos produzidos, presente no meio virtual, está nas múltiplas possibilidades de construção de um conhecimento, uma vez que a linguagem que se tem ali, além de escrita, é visual, sonora, icônica. A idéia de realidades baseadas em textos se amplia no momento em que se fala do computador, denotando que ele se configura num subgrupo destas realidades, as “realidades textuais-eletrônicas”, uma vez que introduzem novos elementos que não estão contemplados em outros instrumentos culturais. (ILERA, 1997).

Esta dimensão enriquecedora do processo ensino-aprendizagem construída com o uso do computador é pouco considerada pelas alunas. O instrumento tecnológico é visto como algo que contribui para o processo educacional por possibilitar apenas um trabalho lúdico com as crianças da Escola Básica, com o objetivo de entreter as crianças quando elas se cansassem das aulas enfadonhas com papel e lápis.

Brincar, entreter e ajudar o professor transformam o computador/Internet em mais uma máquina, uma nova opção para ser utilizada na escola, como o retroprojeter, o quadro-negro, o livro didático, entre outros. Significa acrescentar mais um recurso didático-pedagógico que pode ser utilizado pelo professor, como um novo aparato que a escola deve possuir. Segundo Pretto (2003, p. 113), “[...] busca-se a *utilidade* desses novos equipamentos com uma evidente redução das possibilidades de uso. [...] Obrigar o audiovisual – cinema, vídeo, televisão e, agora, as multimídias – a entrar à força nas categorias preexistentes da educação é o mesmo que não utilizá-lo.”

Então, pode-se questionar que papel o professor assume neste processo?

O docente, na fala das alunas, aparece de uma forma bem tímida, como um *mediador* na construção do conhecimento pelo aluno. A relação direta estabelecida entre

aluno-computador é percebida como precária, por ser necessária uma orientação de alguém mais experiente para que o aprendizado se efetive. E os outros que constituem o meio virtual? A relação sujeito-computador também está mediada pela linguagem sócio-cultural que a compõe e pelas relações sociais que são estabelecidas na virtualidade. Pelo fato de as alunas conceberem esse instrumento apenas no seu caráter técnico, de máquina, elas não conseguiram pensá-lo como potencializador de inúmeras mediações, que podem ocorrer principalmente quando se está conectado em rede.

Não quero destituir o professor da sua importância enquanto mediador do processo de aprendizagem, ao contrário, por existirem várias outras mediações na construção do conhecimento do aluno, o processo educativo se torna ainda mais questionador, pois não se tem apenas a palavra de **um** outro – professor –, mas se tem agora uma polifonia.

A mediação é entendida pelas alunas do curso de Pedagogia como uma *ajuda* do professor para o aluno, um auxílio, perdendo sua característica dialética. Enquanto mediador do processo ensino-aprendizagem e não como *ajudante*, o professor problematiza os conteúdos, levando os alunos a refletir a respeito da questão. Ele atua na Zona de Desenvolvimento Proximal – ZDP, conceito cunhado por Vygotsky, definido como

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1991, p.97).

Um aprendizado que trabalhe com o desenvolvimento real da criança, ou seja, aquilo que ela consegue realizar sozinha, não a leva a avançar na produção de conhecimentos. Atuar no desenvolvimento potencial é criar esta zona de conflito e levar a criança a construir novas idéias.

O acesso à informação se amplia quando se navega pela internet. No entanto, ter a informação não é garantia de aprendizagem, é preciso transformá-la em conhecimento apropriado. Mas este movimento não é harmonioso e, para que se alcance aprendizagem efetiva, muitas involuções ocorrem no decorrer do processo, muitas informações não se transformam em conhecimentos e, muitos destes, não chegam a ser apropriados. A aprendizagem real só ocorre através da mediação de um outro, personificado na inter-relação entre pessoas, instrumentos, estruturas. Nessa dialética, marcada por involuções

e evoluções, torna-se possível o crescimento do aprendiz, tendo-se em consideração que todos nós, seres culturais, estamos nesse constante aprendizado.

O computador/Internet promove, portanto, transformações na postura do professor e na sua prática educativa no momento em que ele vê uma mudança na sua concepção de educação. (ARRUDA, 2004). Se não ocorrer uma transformação também na maneira de entender o fenômeno educativo, o computador continuará sendo entendido na sua instrumentalidade.

Assim, para que se tenha uma formação com/para os meios tecnológicos, é necessário que o curso de Pedagogia se organize de forma a não se excluir das práticas sociais presentes na sociedade. É no diálogo entre alunos, professores, estrutura curricular, espaço e redes de ensino, que novos padrões de interlocução poderão ser desenvolvidos. Se uma das pontas não estiver envolvida na solução deste desafio educacional, as outras pontas estarão comprometidas. Pensar o uso do computador/Internet na Educação é algo instigante, novo, contestador das práticas pedagógicas lineares como elas estão, e que precisa ser refletido pelos cursos de formação inicial de professor. O curso de Pedagogia não pode fugir a uma realidade que o espera e precisa se colocar na urgência desta temática.

Para finalizar: algumas idéias para começar...

Neste trabalho, procurei compreender, por meio das vozes de alunos do Curso de Pedagogia de uma Instituição Federal de Ensino Superior, qual o uso que estes fazem do computador/Internet no seu próprio processo de formação inicial, bem como o que pensam a respeito da presença dessa tecnologia em ambiente escolar.

O trabalho com os questionários indicou a presença do instrumento no curso, pelas mãos dos alunos. Estes, utilizam o computador/Internet para os mais variados fins, mas de um modo especial, o fazem em decorrência das necessidades de sua própria formação inicial.

Percebi que esta presença não é considerada pelos demais atores da Faculdade de Educação, se constituindo em um uso individual e marginalizado. As potencialidades pedagógicas do instrumento ainda não são pensadas pelo curso de Pedagogia. Os seus professores utilizam o computador/Internet para suas atividades pessoais, mas não o vêem como participante do processo ensino-aprendizagem, como um instrumento transformador de uma cultura.

Os questionários revelaram um índice bastante considerável no que se refere à

presença do computador/Internet na vida dos alunos, mas as entrevistas com os discentes e docentes mostraram a ausência do conhecimento do curso frente esta nova realidade. Assim, ocorre um não aproveitamento, ou uma sub-utilização, do computador/Internet na dinâmica do curso de Pedagogia da UFJF.

A questão da formação do pedagogo, buscando compreender quem é este profissional, se delineou como ponto fundamental discutido neste trabalho, uma vez que a fluidez dessa concepção no meio educacional como um todo se reflete na fala das alunas no momento de se posicionarem frente às funções que lhes competem. Percebem que ter a docência como base da formação não impossibilita o pedagogo de trabalhar em funções extra-escolares, solicitando assim a presença de um espaço de formação que contemple estes novos saberes.

A pesquisa me permitiu ver que os professores do curso de Pedagogia da UFJF se mantêm ainda distantes de tais discussões e não percebem as mudanças ocasionadas para o ensino com o uso das novas tecnologias. Esta distância (que é física e também reflexiva) do computador/Internet leva alunos e professores a acreditarem que este instrumento é *um recurso a mais* para a educação, assim como retroprojeto, televisão entre outros.

Ao pensar na distância que alunos e principalmente professores do curso de Pedagogia estão da realidade de tornar o computador/Internet um instrumento “invisível”, do/no curso, é preciso pensar em um uso mais “visível”, algo que possa ser realizado num prazo curto/médio de tempo.

Com o trabalho de campo, entendi que, num curso em que não aconteceu um primeiro movimento de pensar a respeito do uso do computador/Internet no sistema educativo, torna-se importante uma disciplina que envolva o tema.

Entretanto, acredito que a solução não está em pensar **sobre**, mas **com**. O pensar **sobre** faz parte do pensar **com**, mas não deve ser entendido sozinho. Para os atores do curso de Pedagogia da instituição campo de estudo, a presença física, concreta, do instrumento faz-se mister para o início de um trabalho como esse. Entender teoricamente por exemplo, o que é a internet e para que ela pode ser utilizada em sala de aula pode ser interessante, mas insuficiente se a prática estiver distante desta teoria.

A existência de uma disciplina constitui-se apenas no caminho para a “invisibilidade” do computador/Internet no curso de Pedagogia. O importante é que esta prática esteja presente na dinâmica do curso, permeando as disciplinas, possibilitando a construção de uma cultura tecnológica própria.

Referências Bibliográficas:

ARRUDA, Eucídio. **Ciberprofessor**; novas tecnologias, ensino e trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica/FUMEC, 2004.

BARRETO, Raquel Goulart. **Formação de Professores, tecnologias e linguagens**. São Paulo: Loyola, 2002. 165p. Coleção Tendências.

_____. Tecnologia e Educação: trabalho e formação docente. **Educação e Sociedade**, v.25, n. 89, set/dez, 2004. P. 1181-1202.

BAKHTIN, Mikhail. O enunciado como unidade da comunicação discursiva. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. SP: Martins Fontes, 2003.

FREITAS, M.T.A. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, M.T.A, JOBIM E SOUZA, S, KRAMER, S. (orgs). **Ciências Humanas e Pesquisa**. SP: Cortez, 2003.

GERALDI, João Wanderley. A linguagem nos processos sociais de constituição da subjetividade. In: **CONGRESSO EDUCAÇÃO E CIDADANIA**, Porto Alegre, 2000. (mimeo).

ILLERA, José L. Rodríguez. El aprendizaje mediado con ordenadores: realidades textuales y zona de desarrollo próximo. In: **Cultura y Educación**. Madrid: Fundación Infancia y Aprendizaje, 1997. P. 77-90.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. SP: Editora 34, 1996. 160 p.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Abril cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.

_____. **O capital**: crítica da economia política. Vol. 1. 11 ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987.

PRETTO, Nelson de Luca. Formação de professores exige rede! **Revista Brasileira de**

Educação, n. 20, p. 121-131, mai/jun/jul/ago 2002.

_____. **Uma escola sem/com futuro**; educação e multimídia. 5 ed. Campinas: Papirus, 2003.

SALVAT, Begoña G. **El ordenador invisible**. Barcelona: Gedisa, 2000.

SCHEIBE, Leda & AGUIAR, Márcia Ângela. Formação de profissionais da educação no Brasil: o curso de pedagogia em questão. **Educação e Sociedade**, v.20, n. 68, dez, 1999. P.220-238.

SILVA, Marco. **Sala de aula Interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

_____. Educação na cibercultura; o desafio comunicacional do professor presencial e online. **Revista Educação e Contemporaneidade**, v.12, n.20, jul/dez, 2003. P.261-271.

VYGOTSKY, L.S. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A formação social da mente**. SP: Martins Fontes, 1991. 4ed.